

São Paulo, 20 de outubro de 1967.

Caríssimo amigo Valentim:

Perdoe-me a demora na resposta à sua generosa carta de 1º de setembro. É que diversos impecilhos (uma terrível gripe foi o principal) não me permitiram lucidez bastante para apreciação do seu magnífico livro. Devorei-o com gula. Um Garcia Lorca atualizado? — Não sei. Sua poesia é sua mesmo: é a que eu escreveria se fosse o poeta e o galeciano puro que é você.

Tal livro não precisa de "PREFÁCIO". Mas como não saberia eu nunca deixar de servir a você, imaginei essa carta, que é sincera, sentida ao longo da leitura da sua "EIRA DOS SONOS". Se você julgar que ela merece aparecer à entrada do seu livro, será uma glorificação que lhe farei devendo. Vai ela em papel meu, pessoal, de sorte que, gravada em fotocópia, suponho que seria <sup>o</sup> menos interessante.

Diga-me qualquer coisa a respeito. Suas ordens me serão sempre bemvindas.

Muito seu, de espírito e  
coração --

